



Bárbaros ou/vs Romanos? Sobre Identidades e Categorias Discursivas
Barbaros o/versus Romanos? A respecto de identidades y categorías discursivas
Barbarians or/vs Romans? About Identities and Discursive Categories

Daniele Gallindo Gonçalves SILVA¹
Maurício da Cunha ALBUQUERQUE²

Resumo: Nesse artigo, pretendemos discutir a questão identitária em relação ao mundo tardo-antigo e suas posteriores representações. Para tanto, iniciaremos com uma discussão sobre as identidades no mundo tardo-antigo, com ênfase na complexidade e fluidez em que ocorrem os processos de formação (*etnogênese*) e transformação destas. A seguir, levanta-se a problemática das terminologias que representam os povos antigos (focando no conceito de “germanos”), e como estas categorias, possuindo um potencial na produção de representações, acabam, por sua vez, produzindo falsas concepções de identidade sobre (e entre) os povos da Antiguidade.

Palavras-chave: Identidades – Bárbaros – Etnogênese – Antiguidade Tardia.

Abstract: In this article, we discuss the identity issues in relation to the world of Late Antiquity and its subsequent representations. To this end, we start with a discussion of the identities in the late-ancient world, emphasizing the complexity and fluidity that occur in the processes of formation (ethnogenesis) and transformation. Then arises the problem of the terminologies used to represent the ancient people (focusing on the concept of “German”), and how these categories, having a potential to produce representations, create misconceptions of identity about (and between) the ancients.

Keywords: Identities – Barbarians – Etnogenesis – Late Antiquity.

¹ Doutora em *Germanistik - Ältere Deutsche Literatur* (Germanística - Literatura Alemã Antiga) pela Otto-Friedrich-Universität Bamberg. Site: <https://www.uni-bamberg.de>. Professora da Graduação e do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Site: <http://portal.ufpel.edu.br>. E-mail: danigallindo@yahoo.de.

² Graduando de História-Bacharelado pela Universidade Federal de Pelotas; Bolsista CNPq. E-mail: mauricioalbuquerq@hotmail.com.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

ENVIADO: 11.09.2015
ACEPTADO: 12.11.2015

I. Identidades do passado, problemas do presente

No dia 01 de março de 2012 o Professor Michael Kullikowski, ao palestrar na Washington and Lee University, lançou uma curiosa abordagem interpretativa sobre as populações romanas e bárbaras no período do Baixo Império Romano. Propôs que os romanos e seus vizinhos, que viviam próximos ao *limes*, não possuíam diferenças muito consistentes em termos de identidade ou etnia, que a existência dicotômica entre romanos e bárbaros é uma criação moderna e que esta só se consolidara no discurso político, na tentativa de enaltecer a tradição clássica face ao constante crescimento do poder provinciano e estrangeiro.³

Em um primeiro momento, a afirmação de Kullikowski pode soar inovadora, uma vez que, apesar das inúmeras versões escritas sobre a queda do Império Romano e a famigerada *Era das Migrações*, muitos pesquisadores nos apresentam romanos e bárbaros como categorias que possuíam alguma distinção relevante em termos identitários: mudam-se as relações, de hostis a pacíficas, os resultados, de ruptura ou continuidade, ou o caráter dos recém-chegados, se invasores ou legítimos herdeiros do legado latino. Essa perspectiva, que desconstrói a ideia do *limes* como “fronteira-cultural”, abre um leque para abordagens renovadas e dinâmicas sobre as relações interculturais do mundo tardo-antigo, especialmente no momento atual, em que autores de orientações mais “conservadoras” vem ganhando forte apelo no mercado e com o público leigo.⁴

Kullikowski não é o primeiro historiador a desconstruir paradigmas em relação ao mundo tardo-antigo. No tema das identidades e etnias, a famosa Escola de Viena, corrente historiográfica que compreende pesquisadores como Reinhard Venskus, Herwig Wolfram e Walter Pohl, quebrou a tradição teórica e metodológica predominante até então. As interpretações étnico-raciais do *barbaricum*, que podem ser atribuídas em muito ao legado de Gustav Kossinna,⁵ deram lugar aos núcleos de

³ *The binary distinction between barbarians and romans exists solely as a rhetorical device in politics*. 08:54. Internet, <https://www.youtube.com/watch?v=ltjH6HPs7vg>.

⁴ Sobre esta “virada reacionária” na historiografia e como abordagens do gênero podem ser facilmente transformadas em discursos políticos de cunho racista e xenófobo, ver a crítica de Guy Halsall. Internet, <http://600transformer.blogspot.com/2012/08/two-worlds-become-one-counter-intuitive.html>.

⁵ KOSSINNA, Gustaf. *Die Herkunft der Germanen: Zur Methode der Siedlungsarchäologie*. Würzburg: C. Kabitzsch, 1911. Para uma análise crítica sobre o autor ver GÖTZ, Manuel Fernando. "Gustav

tradição (*Traditionskerne*) e à etnogênese. Nesta ótica, as populações germânicas da antiguidade já não poderiam mais ser vistas como racialmente homogêneas, organizados a partir de características étnicas de “matriz” germânica ou ariana, mas por tradições culturais – a crença em um determinado deus, um antepassado em comum, semelhanças linguísticas⁶ – o que permitiria que estes grupos tivessem uma configuração poliétnica. Uma mudança, de fato, drástica para a historiografia. Discute-se se o surgimento desta corrente pode ser interpretado como uma iniciativa, por parte dos intelectuais do mundo germanófono, de extirpar os vestígios “científicos” do nazismo nas ciências humanas (especialmente, da História), uma vez que muitos intelectuais ligados ao regime Nacional-Socialista não foram condenados em Nuremberg, podendo prosseguir com suas atividades acadêmicas sem grandes obstáculos.⁷

Quando o assunto é desconstruir identidades, poucos são tão incisivos quanto o canadense Walter Goffart. Além de suas teorias sobre a política de assentamento dos bárbaros no território imperial,⁸ Goffart ataca diretamente o conceito que se tem por “germânico” e a forma como este conceito é utilizado. Para o autor muito do que compreendemos do “mundo germânico” é fruto de uma construção ideológica alemã, que se inicia com a redescoberta dos escritos de Tácito no século XV, atingindo seu ápice no século XIX, quando as tendências políticas e intelectuais da época (romantismo, pan-germanismo, filologia, teoria da raça ariana, dentre outras) buscavam legitimar uma unificação do mundo nórdico.

Kossinna: Análisis crítico de una figura paradigmática de La arqueología Europea. In: *Arqueoweb. revista sobre arqueología en internet* 11, 2009. Internet, <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/11/gotz.pdf>.

⁶ Não confundir com os trabalhos filológicos e românticos da germanística de Jacob Grimm em *Deutsche Mythology* (1835). Herwig Wolfram, em *Das Reich und die Germanen* (1990), segue uma linha semelhante, ao tentar traçar linhagens tribais, de reis e heróis a partir de semelhanças (muitas, deusas, forçadas) entre nomenclaturas.

⁷ Para melhor compreender a questão mencionada, consultar os escritos de Otto Höfler. Este intelectual austríaco fora colaborador da *Abnenerbe Forschungs und Lehrgemeinschaft*, organização coordenada por Heinrich Himmler, que buscava legitimar “cientificamente” a ideologia do Reich. Após a Segunda Guerra, Höfler fora considerado como “*geistiger Mitläufer*”, uma categoria que era dada àqueles que não haviam sido nem ativamente envolvidos, nem opostos aos crimes do Nazismo.

⁸ Apesar das controvérsias envolvendo a negação das migrações e outras afirmações sobre os assentamentos de estrangeiros no território Imperial, a obra de Goffart é um grande marco historiográfico. Goffart sepultou, praticamente, todos os clichês do mundo tardo-antigo, como o Império Romano ter sido destruído pelos bárbaros, a origem escandinava dos godos, ou mesmo a veracidade das narrativas de Jordanes, Gregório de Tours, Beda e Paulo Diácono.

Qual seria então a saída para os pesquisadores? De que forma podemos entender as identidades/etnias do mundo antigo, sem que estejamos, mesmo que de forma inconsciente, projetando identidades do presente em nossas produções? Uma resposta possível seria atentar para a instrumentalidade da história antiga, assim como para o potencial discursivo que este período possui.⁹ Quebrar a falácia de que os estudos da Antiguidade, por se debruçarem em povos, acontecimentos e sociedades, de fato, distantes, do ponto de vista cronológico, gozariam de uma maior “neutralidade” por parte dos pesquisadores. Tal afirmação não poderia ser mais falsa. O período que compreendemos como antiguidade tardia, assim como os agentes históricos que atuam neste contexto, podem ser facilmente maleados de acordo com as tendências ideológicas vigentes, como bem aponta o medievalista norte-americano Patrick Geary:

Um historiador dedicado a estudar a alta idade média, ao examinar esse problema em primeira mão, ao escutar a retórica dos líderes nacionalistas e ler os trabalhos acadêmicos produzidos por historiadores oficiais ou semi-oficiais, ficaria surpreso ao perceber a importância da interpretação do período entre os anos 400 e 1000 para esse debate. De uma hora para outra, a História Antiga da Europa é tudo menos acadêmica: a interpretação do período que compreende o declínio do Império Romano e as invasões bárbaras se tornou o sustentáculo do discurso político na maior parte da Europa. (GEARY, 2005: 17)

Logo, entender as disputas políticas que permearam (e ainda permeiam) a historiografia talvez seja o primeiro passo para realizar uma pesquisa. Um segundo passo seria (re)definir os conceitos que caracterizam identidade/etnia, fugindo dos discursos binários, utilizando noções mais enxutas, que podem ser apropriados, em especial, da antropologia e das ciências sociais.¹⁰ Obras mais recentes têm trabalhado com a noção de identidades de situação, e, além da situação, as identidades podem possuir múltiplas camadas, afirma o historiador britânico Guy Halsall, exemplificando: Um cidadão atual de Londres pode ver a si mesmo como britânico, inglês, um habitante do sul, um londrino, ou como alguém do Brixton.

Todos estes níveis (camadas) possuem relevância nas interações sociais, assim como para afirmar similaridades ou diferenças de um indivíduo para outro. Podemos pensar em “hierarquias de identidade” em qualquer país, e o mesmo ocorria na antiguidade tardia. Aplicando este conceito ao mundo tardo-antigo: Teodato, que fora um dos

⁹ Sobre usos da História Antiga ver SILVA, Glaydson José da. *História Antiga e Usos do Passado. Um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

¹⁰ Para um estudo introdutório destas perspectivas ver SCUPIN, Raymond. “Race and Ethnicity: Anthropological and Sociological Perspectives”. In: _____ (ed.). *Race and Ethnicity: The United States and the World*. New Jersey: Pearson Education, 2011, p. 1-10.

últimos reis ostrogodos a governar a Itália, assumiu o trono em 534. Sua origem (linhagem) era gótica, mas também atuara como um senhor de terras na Toscana e como nobre romano, se envolvendo em todas as atividades culturais que caracterizavam esta classe (HALSALL, 2007: 38).

Um outro exemplo destas múltiplas identidades é o chefe dos godos, Alarico:

Alarico conseguia sempre sair vitorioso e obter aquilo que queria, e até alcançou o comando de todas as tropas da Ilíria. Provavelmente, é com ele que Sinésio implica quando descreve o bárbaro coberto de peles que, antes de entrar no Senado, se despe delas, veste a toga e vai discutir com os magistrados; depois, ao sair, veste-as novamente, pois não se sente bem com a toga. Possuía pelo menos duas identidades: era Alarico, o chefe guerreiro ao qual tantos godos juraram fidelidade segundo os rituais dos seus antepassados; e também Flávio Alarico, o general romano, Magister Militum. Não que tivesse uma identidade verdadeira e outra falsa; ambas eram verdadeiras. (BARBERO, 2010, p. 196)

Exemplos como estes mostram que identidade é um conceito que dialoga mais com a *performance*¹¹ de um sujeito do que propriamente com a origem. Toda a projeção simbólica de um indivíduo, que faz com que este seja reconhecido em uma determinada identidade, seja pela vestimenta, costumes, língua ou qualquer outro marcador que opere de forma subconsciente no processo de socialização, possui um caráter naturalmente performativo. Ela [a *performance*] pode ser imposta por um grupo dominante, como é possível ver em casos da expansão romana; povos conquistados, seja através da violência ou da busca por benefícios, buscando se assemelhar aos dominadores (aprendendo latim e mimetizando padrões estéticos), performando como os próprios, adquirindo, assim, uma identidade romana.

Não tão incisivo na *performance*, mas atento às múltiplas identidades, Geary, em *O Mito das Nações*, ataca não apenas a falsa dicotomia romano-bárbara, como utiliza estas

¹¹ A ideia de *performance/performatividade*, como modelo teórico, é proveitosa para se pensar as identidades do contexto em questão, uma vez que o conceito consegue dar conta de três pontos relevantes: **1)** multiplicidade – um indivíduo pode adquirir outra identidade, ou mesmo várias, se sua performance for convincente a ponto de ser reconhecido por seus pares; **2)** pressão externa/interna – imposição de uma cultura perante outra, ou mesmo, a adaptação de um indivíduo, que, através da performance, adere valores do grupo dominante, para assim obter uma nova identidade que lhe proverá vantagens; e **3)** dinâmica cultural – novas identidades se formam ao longo das conjunturas, mesmo que não ajam “interferências” externas. Nos estudos de gênero e na teoria *Queer* o conceito de performance vem ganhando grande adesão (ver BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003). A aplicação deste conceito nos estudos do mundo antigo ainda deve passar por mais debates e experimentações, mas resultados consistentes já podem ser notados em Halsall (2008).

ideias para desconstruir os mitos nacionais do século XIX (muitos ainda arraigados no imaginário popular e nas academias), apontando que a identidade romana, o *populus romanus*, era constitucional, criada de forma interna, baseando-se em uma cultura e tradição intelectual comuns, em um sistema legal e uma predisposição para integrar a uma mesma tradição política e econômica. Assim sendo, não havia uma etnia romana, por mais que houvesse características que os tornassem semelhantes. Os bárbaros, de outra forma, eram uma categoria inventada, frutos de uma longa tradição etnográfica e discursiva do mundo clássico, e, por mais que os romanos dessem grande ênfase às diferenças entre estes dois grupos, uma categoria não necessariamente excluía a outra; um indivíduo poderia ser romano e bárbaro ao mesmo tempo (GEARY, 2005: 81).

Esta nova percepção do mundo tardo antigo tem ganhado certa repercussão, inclusive em veículos de divulgação histórica mais voltados ao entretenimento: como na série *Ancient Rome: The Rise and Fall of an Empire* (2006) da BBC, na qual Alarico, chefe dos godos que liderou a invasão e saque de Roma (a capital) em 410, é representado com a estética (roupas, corte de cabelo e certas peças de armadura) de um típico general romano,¹² uma representação muito mais próxima da historiografia atual, fugindo do estereótipo do rei bárbaro, com elmo de chifres, barba e cabelos longos, muito comum no século XIX.

Todavia, apesar dos bárbaros existirem apenas como categoria teórica, não podemos levar este conceito ao extremo, a ponto de acharmos que não possuía relevância, pois o racismo, a xenofobia, o radicalismo religioso, assim como todas as formas de preconceito, ocorrem no âmbito psicológico. Um cidadão branco, por exemplo, pode ser altamente racista com um cidadão negro, mesmo que ambos vivam vidas semelhantes, falem o mesmo idioma e não possuam grandes diferenças culturais/sociais. A crença na superioridade/inferioridade de um determinado grupo é que será o fator determinante para que o preconceito seja praticado, e, no caso dos romanos esta diferença – mesmo que pouco sustentada na prática – era idealizada intensamente no discurso político. Neste sentido, podemos afirmar que “o único fator

¹² Além da questão estética, a série – mais especificamente, o sexto episódio, em que Alarico é o protagonista – mostra detalhadamente os atritos diplomáticos entre o Império e a confederação gótica, ao invés de apelar para a clássica (e clichê) invasão ao “molde-bárbaro”. A versão BBC de Alarico dialoga muito mais com a produção bibliográfica contemporânea, que há muito já superara o binômio “bárbaros –VS– romanos”, ao contrário da série *Barbarians* (2006), do *The History Channel*, na qual, em vários momentos, estes estereótipos são reforçados.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

comum para definir etnia é a crença: na realidade do seu grupo e a diferença dos outros. Etnia é cognitiva: um estado de espírito”¹³ (HALSALL, 2007: 38).

Quais seriam então as formas de diferenciação étnica, os sinais de etnicidade, dos povos antigos? Em 1998, o historiador Walter Pohl publica *Telling the Difference: Signs of Ethnic Identity*, que se tornou referência. Neste escrito, o pesquisador austríaco mostra a falibilidade das fontes romanas em retratar identidades étnicas bárbaras com precisão. Exemplifica, portanto: um viajante romano, aventurando-se além das fronteiras, em aproximadamente 100 d. C. (próximo ao tempo em que Tácito escreveu *Germania*), encontraria uma variedade de gentes, organizadas em tribos relativamente pequenas, encontrando também algumas confederações mais ou menos consistentes formadas por orgulhosos guerreiros.

Neste universo bárbaro, que compreende as florestas da *Germania* e as estepes da *Scythia*, nosso “herói” acabara confirmando alguns de seus preconceitos, e reconhecera as principais diferenças entre germanos e citas. No entanto, inúmeros detalhes que caracterizam estes povos foram ignorados ou não foram reconhecidos, especialmente nas regiões onde as duas culturas e biomas convergem. Soma-se a isto algumas interpretações erradas, preconceitos e falsas informações e nosso viajante terá um quadro “etnográfico”, deveras, tendencioso dos povos que conhecera. Acrescente uma vontade imensa de contar uma boa história ao retornar, para que as características mais dramáticas, intrigantes e divertidas daqueles exóticos povos se sobressaíam. Em outras palavras, os antigos até poderiam ter uma grande tradição em classificar e catalogar costumes e culturas estrangeiras, mas o modo de coleta e “filtragem” dessas informações não era adequado, ao menos, não a ponto de podermos dar-lhes total confiança (POHL, 1998: 61).

Ademais, a profissão do historiador no mundo clássico tinha outra atribuição social; a História como “ciência”, da forma como concebemos hoje – mesmo com todas as discussões e polêmicas que existam sobre a “cientificidade” da História – é uma ideia moderna, surgida a partir do método de Leopold von Ranke e da escola Positivista. A História “como realmente foi” (“wie es eigentlich gewesen ist”), de fato, não era uma grande preocupação dos autores clássicos e continuou não sendo durante muito tempo. Criar histórias que (des)legitimassem imperadores, linhagens dinásticas, famílias aristocráticas, ou mesmo guerras, rebeliões, conspirações ou quaisquer outros feitos políticos, era a regra ao se escrever sobre o passado.

¹³ No original: “The only common factor in defining ethnicity is belief: in the reality of your group and the difference of others. Ethnicity is cognitive: A state of mind” (HALSALL, 2007: 38).

Tal como os relatos dos gregos/romanos sobre as *gentes barbarorum*, língua, armas, roupas ou cabelos (cortes ou penteados) também não são sinais confiáveis para identificar identidades étnicas estáveis. Isso não significa que não houvessem diferenças marcantes nos povos antigos, ou que essas projeções culturais – cabelo, língua, roupas, armas – não fossem relevantes, mas sim que elas eram muito fluídas e dinâmicas, e a supervalorização destas atende mais aos estereótipos do que à História.

Se pensarmos em equipamentos e táticas de batalha, romanos e bizantinos do mundo tardo antigo eram profissionais em apropriarem-se de características bélicas de seus inimigos – os cavaleiros *kataphraktoi* e *clibanarii* eram inspirados no modelo dos partos. Os povos de estepe geralmente utilizavam cavalaria leve e arcos compostos recurvados, que nunca foram utilizados em outras regiões de forma significativa – no entanto isso não significa que estes povos (hunos, magiães, avaros, etc) compartilhem semelhanças étnicas, pois a adoção destes elementos se deve muito mais a uma questão de meio-ambiente do que de identidade (POHL, 1998: 32); a francisca, machado de pequeno porte geralmente atribuído aos francos como sendo uma característica particular deste povo, também é um exemplo problemático, pois apesar dos machados terem sido citados várias vezes nas fontes escritas, e quase mil machados já terem sido encontrados em túmulos francos (o que corresponde a 26% do armamento funerário) isto não necessariamente significa um sinal de identidade étnica, uma vez que não há evidência de que os francos atribuíam ao machado um valor de identificação coletiva (POHL, 1998: 33).

Dinâmicas e múltiplas, estes talvez sejam os melhores adjetivos para as identidades do mundo tardo-antigo. Algo que é continuamente negociado e reconstruído, de acordo com os acontecimentos e os deslocamentos de grupos, e, nestas horas, não se pode dar total confiança às abordagens classificatórias dos escritores romanos, que por vezes induzem o observador (desatento) a pensar que estes grupos eram constituídos de forma definitiva (BARBERO, 2010: 34). No âmbito arqueológico, a ideia das múltiplas identidades também vem conquistando terreno. A pesquisadora Susanne Hakenbeck escrevera em 2007 um artigo no qual mostrara a possibilidade de mesclar a teoria da Escola de Viena com o estudo das evidências materiais. Segundo Hakenbeck:

A evidência para etnicidade no alto medievo (fim do século V e primeira metade do VI) de Altenerding e Aubing demonstra uma rede altamente complexa de identidades, que vão desde o super-regional até o pessoal, possuindo laços estreitos com a estrutura social. Este estudo tem atentado em criar uma ponte entre abordagens históricas cada vez mais sofisticadas para a etnicidade no alto medievo para uma abordagem arqueológica. Os arqueólogos têm sido (e com legitimidade) céticos sobre as possibilidades de se fazer interpretações étnicas a partir das evidências arqueológicas.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Por muitas vezes, as abordagens tradicionais não apenas foram simplistas e insatisfatórias, mas também eram profundamente influenciadas por nacionalismo e, ate mesmo, racismo. No entanto, não há nada intrinsecamente ou ideologicamente reacionário em buscar entender a etnicidade no alto medievo. Muito pelo contrário, apenas o questionamento contínuo pode levar a conceitos mais úteis e apropriados sobre a etnicidade no alto medievo.¹⁴ (HAKENBECK, 2007: 26)

Além de propor uma abordagem propositiva¹⁵ para os estudos arqueológicos do alto medievo,¹⁶ Hakenbeck atenta, também, para as abordagens tradicionais, que foram vigentes no século XIX e primeira metade do XX (mas cujos “fantasmas” ainda não foram completamente erradicados) e seus riscos, devido à forte influência nacionalista, que não apenas instigava os pesquisadores a conclusões pré-determinados, como construía um modelo teórico-metodológico que favorecesse os anseios nacionais.

II. Categorias, outra problemática

Além da questão das identidades propriamente ditas, há outra problemática que se insere nesta discussão, que é de vital importância para este debate: as categorias. Discutir categorias não é apenas questionar a validade das palavras, mas também atentar para uma série de conceitos que são evocados a partir de uma determinada terminologia. Ao se falar em “celtas”, “germanos”, “hunos”, ou mesmo “romanos”, há, inevitavelmente, uma tentativa de representação¹⁷ destes povos em um discurso,

¹⁴ No original: “The evidence for the early medieval ethnicity from Altenerding and Aubing in the late fifth and first half of the sixth century indicates a highly complex network of identities, ranging from the super-regional to the personal and close ties with other aspects of social structure. This study has attempted to build a bridge from increasingly sophisticated historical approaches to early medieval ethnicity to an archaeological one. Archaeologists had legitimately been sceptical about the possibilities of making ethnic interpretations from the archaeological evidence. Too often traditional approaches have not only been simplistic and unsatisfactory but had also been deeply touched by nationalism and even racism. However, there is nothing intrinsically or ideologically reactionary about attempting to understand early medieval ethnicity. Quite to the contrary, only the continued questioning of and the questing for it can lead to more appropriate and useful concepts of early medieval ethnicity.” (HAKENBECK, 2007: 26)

¹⁵ Entendemos como propositiva uma abordagem que dialogue com as produções e teorias recentes dentro do estudo das identidades/etnias na Antiguidade Tardia. Contemplando elementos como multiplicidade e dinamismo, longe das abordagens problemáticas da etnoarqueologia oitocentista.

¹⁶ É necessário mencionar que o período compreendido como *Early Medieval*, ou, alta Idade Média, corresponde, em boa parte, à Antiguidade Tardia. Os pontos de intersecção cronológica só divergem após gestão Carolíngia (século IX), o que não concerne a esta discussão.

¹⁷ Para uma melhor conceituação do termo representação ver HALL, Stuart. “The Work of Representation”. In: _____ (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 2013, p. 01-47. Consideramos que as representações não possuem apenas um caráter reflexivo, como se a linguagem funcionasse como um espelho, que reflete o verdadeiro

ou seja, os termos acabam sendo representações por si só. Mesmo que se abandonem as grandes categorias e se utilize outras, mais específicas (ex: Querusco, Tervíngio, Greutungo, ou – no caso celta – Gaulês, Bretão ou Picto), todo o tipo de nomenclatura que se destinada a retratar um determinado povo possui (em nível variável, evidentemente) um pontencial estereotipador, tanto em seu tempo, quanto ao serem (re)interpretadas em tempos posteriores. Isso se deve a todas as construções históricas, ideológicas e sociais atreladas à determinada expressão em especial. Isso se torna claro ao analisar o caso dos germanos antigos.

Em aproximadamente 320 a. C., Píteas de Marselha, mercador, geógrafo e explorador grego, realizou uma grande jornada em busca de estanho e do âmbar das regiões do mar báltico, protagonizando o primeiro contato – ao menos, segundo autores posteriores, como Políbio e Estrabão, pois a documentação escrita pelo próprio foi perdida – do mundo clássico com o mundo germânico. O desconhecimento e falta de critérios dos romanos para com estes povos é algo a se notar; termos como *Celta* e *Galo* eram utilizados indistintamente para nomear os habitantes do norte e centro da Europa (GUERRAS, 1991, p. 9).

Às vésperas da conquista da Gália (século I a. C.), o historiador grego Posidônio publicou o relato de suas viagens pelo ocidente: daí originou-se a teoria de que a palavra *germano* caracteriza uma série de povos que habitavam as regiões entre o Reno e o Vistula. Estrabão, outro geógrafo de origem helênica, afirmou que o termo *germano* advinha do latim, *germen*. Logo, *germani* seriam aqueles que estavam unidos pelo sangue (GUERRAS, 1991: 10). O relato mais importante e conciso destes povos é, sem dúvida, *Germania*, de Tácito, que os define como nativos da própria terra (“Ipsos Germanos indigenas crediderim”). O historiador romano admite que o termo que designa a terra natal destes povos é recente, e havia sido introduzido há pouco, apontando para o fato de que antes de Tácito não havia uma grande preocupação dos antigos em compreender as regiões além do *limes* Reno-danubiano com muita precisão.

Nos séculos posteriores, com a intensificação dos contatos interculturais entre romanos e bárbaros – e com a importância que estes passam a ter na história romana –, é possível notar a ascensão de “novos”¹⁸ povos nos relatos escritos, enquanto o

significado já pré-existente no objeto. Mas sim, que as representações possuem uma capacidade de construção de conceitos sobre um objeto a partir do próprio, sob influência da conjuntura e do indivíduo que produz a representação.

¹⁸ Utilizamos “novos”, entre aspas, pois a ascensão das grandes confederações bárbaras é um fato a ser discutido. Há quem argumente que são coalizões, unidas por um mesmo objetivo, sob a liderança de um poderoso chefe militar – às vezes, com autoridade religiosa, fenômeno que ficou

termo “*germano*” passa a ser utilizado com menos frequência, outras alcunhas, mais específicas (ex: Alamano, burgúndio, godo, franco, saxão, frísio...) ganham notoriedade.

Poderia ser feita uma longa e detalhada análise sobre todas as classificações que designam os povos bárbaros do mundo tardo-antigo, todavia isso demandaria abordagens e perspectivas que fogem ao escopo deste artigo. Ao que concerne aqui, basta pensar que mesmo com as várias definições dadas pelos romanos aos ditos “bárbaros germânicos”, isso nunca impediu que leitores posteriores cometessem certos excessos com as terminologias, trazendo novos significados aos termos.

Para Halsall, o estudo das sociedades que viviam a leste do Reno, antes das migrações, é, essencialmente, uma questão arqueológica – embora alguns aspectos das estruturas políticas possam ser iluminados pelas fontes escritas romanas. Segundo o autor, o maior problema - nas pesquisas sobre os germanos antigos – tem sido a concepção de que os escritos de Tácito são aplicáveis para todo o mundo germânico, especialmente até Ammianus Marcellinus (século IV), que, em certos pontos, segue uma tradição historiográfica semelhante (HALSALL, 2007: 118).

Esta concepção é insustentável. O testemunho de Tácito é difícil de ser aceito como um relato preciso até mesmo no seu tempo, quem dirá para o século IV, pois como afirmado por Fabro:

A popularidade dos ‘germanos’ levou Tácito a produzir uma obra cujo intento era precaver os romanos dos riscos apresentados por eles. Usando elementos da etnográfica clássica, assim como o relato de César, a Germânia descreve os costumes e as particularidades dos germanos. Mas por trás desse ensaio etnográfico, Tácito buscava salientar a decadência moral da Roma de Domiciano: Tácito transformou os ‘germanos’ em ‘bons selvagens,’ modelos do que os romanos haviam sido antes da corrupção do império. Seu in-teresse na veracidade da sua descrição dos germanos era bastante superficial. (FABRO, 2013)

Abordagens teórico/metodológicas duvidosas nos estudos dos povos antigos/medievais sempre estiveram em plena confluência com alguma(s) tendência(s) político-ideológicas vigente(s), coisa que fora, expressivamente, reforçado ao longo deste artigo. No caso dos germanos, é possível notar três construções históricas

conhecido na literatura como *Sacral Kingship* (*Sakralkönigtum*) –, que mantinha negociações entre o Império e a coalização tribal. Outros argumentam que este fato é superestimado, e que, na verdade, fora a visão romana, o *Interpretatio Romana*, que, ao obter maiores contatos com estas populações, passara a representá-las de outra forma em seus discursos. As duas versões não, necessariamente, se anulam, apenas enfatizam pontos diferentes de um mesmo fenômeno.

fortemente arraigadas, que afetam de forma direta os estudos das identidades relacionadas a estes povos: **1)** a ideia da “matriz-germânica” – todos os povos “germânicos” derivam de um mesmo povo ancestral, do ramo indo-europeu; **2)** da continuidade/imutabilidade – as instituições, costumes e características dos germanos se mantêm intactas ao longo do tempo; e **3)** a superestimação da(s) língua(s) – qualquer sociedade do passado que fale um idioma/dialeto que se mostre semelhante às línguas germânicas obrigatoriamente compartilha outras características do mesmo viés cultural. É difícil sugerir um momento exato de quando estas ideias surgiram nos estudos dos germanos antigos, no entanto, é possível traçar alguns contornos a partir dos grandes marcos historiográficos da área.

O primeiro, sem sombra de dúvida, fora a redescoberta e popularização dos escritos de Tácito (*Germania* e *Analles*) no território germanófono a partir do século XV: à luz do Renascimento cultural, a busca por raízes na antiguidade se tornara um empreendimento necessário a todo e qualquer reino (ou casa/dinastia real) que almejasse *status* e legitimidade. Às regiões que não haviam feito parte do Império romano havia poucas opções neste sentido; na Áustria, por exemplo, surgem novos mitos fundadores da dinastia dos Habsburgo – vide que até então os mitos de origem troiana ou bíblica vigoravam entre as várias famílias e casas reais da Europa.

Muito disso pode ser atribuído a Wolfgang Laz, humanista destacado de seu tempo, produzira em 1555 uma obra monumental chamada *De Gentium aliquot Migrationibus*,¹⁹ na qual buscara a origem dos Habsburgo em processos migratórios de povos do barbaricum. Este conceito, de populações migratórias, fora rapidamente traduzido como *Völkermwanderung*, um termo que ganhara peso ideológico nas gerações posteriores, se tornando um campo fértilíssimo para mitos nacionais, tanto dentro quanto fora do espectro germanófono (GEARY, 2013: 21). Já para os alemães deste período, Tácito forneceu a possibilidade de construir um passado glorioso comparável ao mundo clássico,²⁰ forneceu também aos protestantes munição para estabelecer uma

¹⁹ LAZ, Wolfgang. *De gentium aliquot migrationibus, sedibus fixis, reliquiis, linguarúmque initiis & immutationibus ac dialectis*. Basel: Johann Oporinus, 1557.

²⁰ A construção de um passado coletivo, que unificasse os territórios germânicos, não era movida apenas por motivações ideológicas ou fetichistas: enquanto França, Espanha e Inglaterra já aspiravam a condições de maior unificação política e militar, o mundo germânico (às portas do grande Império Otomano) permanecia fragmentado, mais interessado em suas querelas regionais do que com a defesa da cristandade ocidental. Por tanto, a construção de um passado germânico conjunto tinha fins, deveras, práticos. No entanto, seriam necessários mais alguns séculos que esta ideia atingisse a maturidade necessária. A Reforma Protestante e a *Guerra dos Trinta Anos* foram de grande peso para que as regionalidades – latentes desde o início – se acentuassem, mantendo afastado (ao menos temporariamente) o sonho de uma *Germania* unida.

superioridade moral dos alemães contra a decadência da Igreja Católica (FABRO, 2013: 58).

Um segundo marco que podemos considerar, é o momento em que a história dos germanos continentais passou a ser compreendida de forma conjunta a dos povos escandinavos. Ao assumir o trono da Dinamarca em 1746, o rei Frederico V buscava mudar a imagem austera de seu reino, tornando Copenhague um centro de produção artística (KREBS, 2011: 171). Para tal, convidou uma série de intelectuais para trabalharem nas academias dinamarquesas, entre eles Paul Henri Mallet. Em 1755 o escritor suíço publicara a obra *Introduction à L'histoire du Danemarch où l'on traite de la religion, des moeurs, des lois, et des usages des anciens Danois* (*Introdução à História da Dinamarca, onde se trata de religião, costumes, leis e costumes dos dinamarqueses antigos*), e em 1756 *Monuments de la mythologie et de la poesie des Celtes, et particulièrement des anciens Scandinaves* (*Monumentos de mitologia e poesia dos Celtas, e em particular dos antigos escandinavos*), esta última traduzida para o inglês com o título de *Northern Antiquities*.

Para Mallet, os testemunhos de Tácito forneciam informações não apenas sobre os ancestrais dos alemães, mas também sobre os dinamarqueses antigos, construindo – de forma “acadêmica” – um passado conjunto destas regiões, permitindo a utilização de relatos de diferentes localidades (fontes dinamarquesas, alemãs, suecas, islandesas, norueguesas, ou até inglesas, no caso dos documentos remanescentes do período saxão). Um dos pontos mais contundentes das obras de Mallet foi a religião. Para prestigiar a “herança” dinamarquesa, Mallet trouxe Odin, as crenças e mitos da Escandinávia pagã, retiradas dos *Eddas*, em confluência com os costumes e hábitos dos antigos germanos mencionados em Tácito (KREBS, 2011: 173). Esta abordagem não só traz uma nova concepção de identidade sobre as populações do Norte, como estabelece um elo “natural”, quase místico, entre Alemanha e os países escandinavos, tanto no presente, quanto no passado.

No século XIX, com a utilização do método filológico nas ciências humanas e a tese da continuidade de Jacob Grimm – em que fontes posteriores podem ser utilizadas como representações de culturas anteriores, devido à “continuidade histórica” entre ambas – o passado germânico pré-cristão se consolida plenamente. Os germanos (categoria que, nesse momento, já englobava um número absurdo de povos distintos) se tornam seres imutáveis, senhores de toda a Europa. O tempo e o espaço são incapazes de destruir suas instituições.

A obra *Deutsche Mythology* (1835) de Jacob Grimm fora um dos maiores marcos nos estudos do passado germânico, no entanto, após 180 anos, a utilização do termo germano como um aglutinante de povos imutáveis, dispersos em espaços e

cronologias diversas, sob a premissa que estes compartilham de alguma herança cultural (ou mesmo étnica/racial, como fora comum na historiografia da segunda metade do século XIX e primeira do XX) é impropriedade, mesmo na mais otimista das visões. Goffart, em *Barbarian Tides: The Migration Age and the Later Roman Empire*, dedica, de forma convicta, mais da metade do seu livro à desconstrução e demonstração de como o termo “germano” é falho, e admite que ficaria feliz se o vocábulo fosse estirpado dos estudos em questão (GOFFART, 2006: 4).

Recapitulando o que já foi abordado aqui; é importante que o pesquisador tenha em mente que tipos de construções atuam ao redor do seu objeto de análise. Por isso ressaltamos que o estudo/questionamento das categorias discursivas, nas quais “encaixotamos” os povos antigos, é extremamente necessário para os estudos de identidades. Não é prudente subestimar o potencial do discurso na formação destas. As categorias formam concepções de identidade tanto no seu tempo quanto *a posteriori*; o modo como os seres humanos compreendem uns aos outros, inevitavelmente, altera o modo como estes se relacionam bem como o modo de compreender o passado (mais do que sabido) altera nossa percepção da realidade presente.

Considerações Finais

Seja nas pesquisas sobre o mundo antigo, sobre identidades, etnias, ou qualquer outro campo da discussão teórica, as categorias sempre foram – e, ao que parece, sempre serão – um dilema para os pesquisadores. Se por um lado são facilitadoras em uma abordagem discursiva, são um desafio em termos de abordagem empírica. Lidar com todas as possibilidades (pré)interpretativos que um termo possui (especialmente, um termo que vem carregado de valores étnicos, etnocentristas ou nacionalistas) vem sendo um dos maiores desafios dentro dos estudos de identidades, e daí que se originam os maiores (e mais produtivos) conflitos de ideias.

De certa forma, isso nos mostra uma contribuição relevante das teorias pós-modernistas dentro dos estudos do mundo tardo antigo. Mesmo que as identidades e categorias sejam assuntos, deveras, polêmicos, e de pouco consenso, a atenção a questões como discurso, representação, categorias, ou mesmo as abordagens extremamente sofisticadas para o estudo das identidades (envolvendo multiplicidade, performance, situação, negociação, etc), mostram como a área de pesquisa em questão é flexível para a utilização de modelos teórico/metodológicos diversos.

Ao ver a transformação das identidades ao longo da historiografia que remete ao período – desde as clássicas abordagens binárias, dicotômicas, de romanos vs.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

bárbaros, civilização vs. barbárie, até a análise extremamente sofisticada de Guy Halsall – e a desconstrução (quase) completa das categorias que classificam os povos antigos, é inevitável se perguntar: quais outros aportes teóricos estão por vir e que novas interpretações nos trarão sobre o fim do mundo antigo? Apenas o tempo dirá. Ou, quem sabe, deixemos as novas gerações de pesquisadores responderem a estas perguntas?

Bibliografia

- BARBERO, Alessandro. *9 de agosto de 378: O Dia dos Bárbaros*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2010.
- FABRO, Eduardo. Tlön, Germanos, Lanças: Sobre outra continuidade, associando-a ao estudo das “Antiguidades Germânicas” (*Germanischen Altertumskunde*). In: *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, n. 1, jan.-jun., 2013, p. 50-62.
- GEARY, Patrick J. Europa das nações ou nação Europa: Mitos de origem Passados e Presentes. In: *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, Aveiro, vol. 1, n. 1, 2013, p. 21-35.
- GEARY, Patrick J. *O mito das nações. A invenção do nacionalismo*. Tradução de Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.
- GOFFART, Walter. *Barbarian Tides: The Migration Age and the Later Roman Empire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- GOFFART, Walter. *Barbarians and Romans: A.D. 418 – 584 The Techniques of Accommodation*. Princeton: Princeton University Press, 1980.
- GUERRAS, Maria S. *Os Povos Bárbaros*. São Paulo: Ática, 1991.
- HAKENBECK, Susanne E. Situational ethnicity and nested identities: new approaches to an old problem. In: *Anglo-Saxon Studies in Archaeology and History* 14, 2007, p. 19-27.
- HALSALL, Guy. *Barbarian Migrations and the Roman West, 376 -568*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- KREBS, Christopher. *A Most Dangerous Book – Tacitus Germania From the Roman Empire to the Third Reich*. New York: W. W. Norton & Company Ltd, 2011
- POHL, Walter. Telling the Difference: Signs of Ethnic Identity. In: _____; REIMITZ, Helmut (org.). *Strategies of Distinction: The Construction of the Ethnic Communities, 300-800*. Leiden: Brill, 1998, p. 17-70.